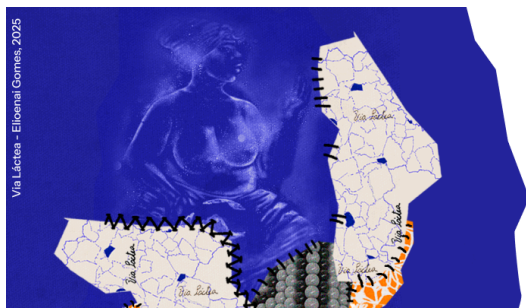




O QUE PODE O ARTE/EDUCADOR NO CAPS? RELATOS DE EXPERIÊNCIA NO TRATAMENTO COM USUÁRIOS DE ÁLCOOL E DROGAS

WHAT CAN AN ART/EDUCATOR DO AT CAPS? EXPERIENCE REPORTS IN TREATMENT WITH ALCOHOL AND DRUG USERS

Antônio Mira Alves Marinho¹

Universidade Federal de Juiz de Fora

Annelise Nani da Fonseca²

Universidade Federal de Juiz de Fora

Beatriz Guedes Mattoso³

Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo: Esta pesquisa é fruto de experiências realizadas no CAPS AD III - Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas, na cidade de Juiz de Fora durante o ano de 2025. Essa pesquisa utiliza como metodologia para a sistematização das oficinas de colagem a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa (1991), aliada ao conceito de nutrição estética de Miriam Celeste Martins (1998) e a visão clínica aliada à arte de Nise da Silveira (2022). O trabalho conclui que os referenciais teóricos da área são vitais para o trabalho com arteterapia, para combater a perspectiva da “arte pela arte” quando se volta exclusivamente para atividades práticas, dessa forma, demonstra que a leitura de imagem e a contextualização, consistem em uma estratégia importante para o trabalho no CAPS AD III, por estimular a prática artística articulada a leitura de si, do mundo, da realidade circundante e do processo criativo dos artistas analisados.

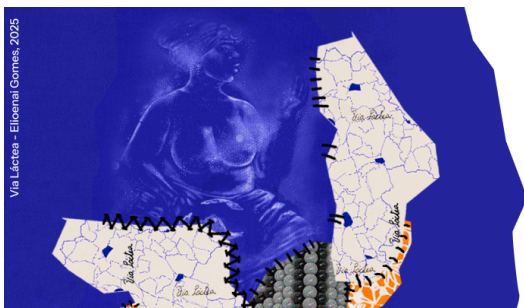
Palavras-chave: arte/educação; abordagem triangular; CAPS AD; nutrição estética; colagem.

Abstract: This research is the result of experiments conducted at CAPS AD III (Psychosocial Care Center for Alcohol and Other Drugs) in Juiz de Fora, Brazil, during 2025. This research uses Ana Mae Barbosa's (1991) Triangular Approach as a methodology for organizing workshops, combined with Miriam Celeste Martins' (1998) concept of aesthetic nutrition, and Nise da Silveira's (2022) clinical vision combined with art. The work concludes that the field's theoretical frameworks are vital for art therapy, combating the "art for art's sake" perspective, which focuses exclusively on practical activities. Thus, it demonstrates that image reading and contextualization constitute an important strategy for CAPS AD III, as they stimulate

¹ Graduando em Licenciatura em Artes Visuais pela UFJF e Estagiário do CAPS AD III de Juiz de Fora. Lattes. Orcid: <https://orcid.org/my-orcid?orcid=0009-0009-2121-5354>

² 2 Artista Visual e Professora Adjunta da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) no Departamento de Artes e Design (IAD). Doutora em Artes Visuais pela Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP). Contato: anne_nani@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3680077368397791>.

³ Doutoranda em Saúde Coletiva pela UFJF, Mestre em Psicologia pela UFJF e Supervisora do CAPS AD III de Juiz de Fora. Lattes. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0312-1807>.



artistic practice articulated with the understanding of oneself, the world, the surrounding reality, and the creative process of the artists analyzed.

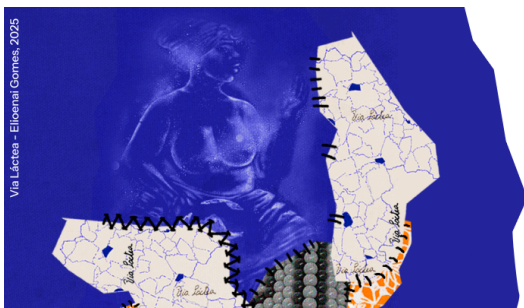
Keywords: art/education; triangular approach; CAPS AD; aesthetic nutrition; collage.

1 INTRODUÇÃO

A vivência aqui relatada é fruto da parceria entre o serviço de saúde CAPS AD III e o Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora, que desenvolvem trabalho em conjunto há pelo menos três anos. A composição de profissionais deste equipamento conta com psicólogo, assistente social, médico, enfermeiros e técnicos de enfermagem. O formato tradicional da equipe é enriquecido com a presença dos alunos do curso da Licenciatura em Artes Visuais, que se apoiam na supervisão dos profissionais do CAPS AD III e da professora orientadora para o desenvolvimento das atividades.

Único na modalidade no município, este ponto da RAPS (Rede de Atenção Psicossocial, Brasil, 2011) atende toda a cidade, incluindo zona rural. As ações de trabalho realizadas são propostas pelas portarias do Ministério da Saúde, que incluem atendimentos grupais, visitas domiciliares, buscas ativas e reuniões de rede. A partir da orientação de trabalho de bases territorial e comunitária, o CAPS AD III recebe e acompanha os casos de sofrimento mental grave associado ao uso abusivo de substâncias psicoativas e promove cuidado em liberdade. Neste sentido, as ações de cuidado não se restringem apenas às ações “duras” do cuidado à saúde (Mehry, 2005), mas se espalham em intervenções “leves” que buscam pela retomada da autonomia, garantia de direitos e produção de afeto.

A construção do cuidado na atenção psicossocial desafia as equipes dos serviços e exige olhar atento aos diferentes contextos de vida e marcadores sociais. Para além do consumo de substâncias psicoativas, que por si só já atribui estigma ao seu consumidor, elementos como gênero, raça, violência e nível de escolaridade, conferem diferentes contornos à vida e ao sofrimento de quem é atendido (Ronzani et al., 2023). Neste sentido, lançamos mão das ferramentas de escuta, acolhimento, vínculo e responsabilização (Jorge et al., 2011) compreendidas como tecnologias

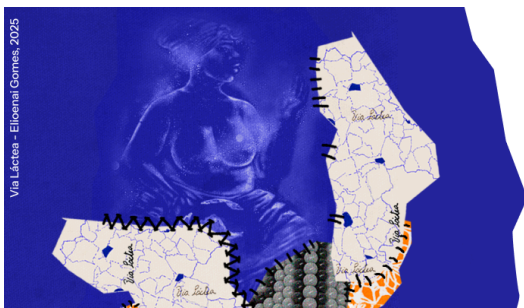


leves de cuidado em saúde, para construção de Projetos Singulares Terapêuticos (PTS), em uma proposta de baixa exigência para os usuários.

No leque de opções terapêuticas de cuidado, nos encontramos com a inserção da arte/educação nos CAPS. As primeiras experiências de arte e saúde mental no Brasil datam do período em que os Hospitais Psiquiátricos ainda dominavam a cena do tratamento em saúde mental. Pioneira e expoente de sua época, Nise da Silveira em parceria com a enfermeira Ivone Lara, revolucionaram o cuidado psiquiátrico nos pavilhões esquecidos do Hospital do Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro (Gomes e Júnior, 2022) através da arte e da música.

As contribuições da notável Abordagem Triangular, perspectiva teórico-metodológica elaborada na década de 80 por Ana Mae Barbosa também ajudam a pensar a arte/educação no contexto da RAPS. Tal metodologia entende a arte como uma área do conhecimento tão importante quanto qualquer outra e que seus empregos podem ser os mais diversos, sendo o ensino estruturado nas seguintes ações: contextualização das obras selecionadas para a intervenção, que pode ser histórica, política, social, filosófica, antropológica entre outras; leitura de imagem, que articula forma e conteúdo, mediada pelo propositor da oficina de modo que se tenha uma leitura crítica e dialógica das imagens e temas que estão inseridos nas obras e por fim, o fazer artístico.

Aliado à Abordagem Triangular, temos também o conceito de Nutrição Estética desenvolvido por Mirian Celeste Martins. Tal perspectiva indica ao arte/educador que o planejamento de ensino deve considerar o emprego de uma curadoria educativa que considere o contexto em que a intervenção será realizada, estimulando repertório imagético de seus participantes para além da visão com o intuito de estimular experiências estéticas com as obras. No contexto da atenção psicossocial, por exemplo, essa orientação leva o arte/educador a pensar em estratégias que dialogam com a obra analisada a partir da apresentação de estímulos que podem envolver músicas, textos, cheiros com o objetivo de sensibilizar os participantes para a apresentação da obra a ser lida. Além disso, também é necessário considerar as habilidades e repertório particular do público atendido, que pode ter movimentos prejudicados por efeitos colaterais de



medicamentos, por exemplo, ajustando a sua condução de modo estratégico e educativo.

Pensar sobre a importância da arte/educação e suas potências para quando inseridas no contexto da saúde mental se faz presente a partir do momento em que se observa as significativas contribuições do método para o tratamento em liberdade dos usuários que utilizam os serviços do RAPS. A partir do exposto, será apresentado a seguir o processo de construção das oficinas de colagem junto aos usuários do CAPS AD III de Juiz de Fora no ano de 2025.

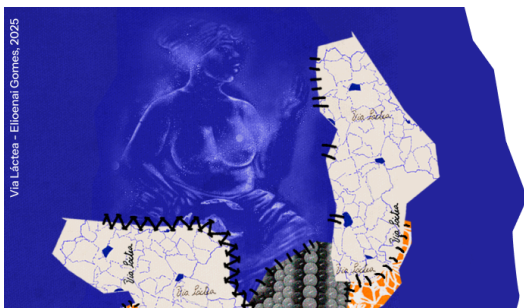
2 COMO A ARTE CONTRIBUI NO ATENDIMENTO PRESTADO AOS USUÁRIOS DO CAPS AD?

O processo de trabalho multidisciplinar e a distribuição horizontal de saberes no CAPS AD III coloca profissionais de diferentes categorias, os(as) próprios(as) usuários(as) e seus familiares na mesma posição de importância. Neste sentido, há um grande esforço na desconstrução diária e constante de estigmas e preconceitos em relação ao consumidor de substâncias. Esse modelo de cuidado lembra-nos o tempo todo que:

O CAPS AD não existe para cuidar de drogas, é lugar de cuidar de pessoas que fazem uso de drogas e estão em sofrimento. Na clínica da toxicomania, assim como nas clínicas da psicose ou da neurose, é preciso cuidar dos sujeitos, orientar-se por eles (Oliveira, 2018, p. 141).

As oficinas são práticas pertencentes às rotinas dos diversos serviços oferecidos pela RAPS e são observadas em outros equipamentos da cidade, como o Centro de Convivência Recriar, o CAPS Liberdade que também abriga o coletivo Trabalharte e no CAPSi (Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil), já sendo costumeiras do CAPS AD III. Observa-se que a arte se encontra com frequência nesses espaços de cuidado e tratamento, e em especial no CAPS AD III, temos hoje atividades que utilizam a arte com frequência semanal, atuando com linguagens como a música, artes visuais, cinema, visitas mediadas a museus e ao teatro.

Dentre estes diferentes serviços, observa-se que as atividades se adequam a diferentes perfis de atendimento. Esta percepção foi possível pois o estagiário,



exercê-lo, no compreendê-lo e no compreender-nos dentro dele, transparece a projeção de nossa ordem interior (Ostrower, 1987, p. 10).

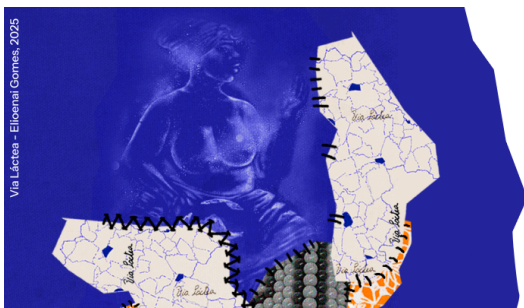
Nesse sentido, essa maneira específica de ordenar fenômenos em um processo de criação de significados é terapêutico, porque possibilita que conteúdos traumáticos, histórias de sofrimento possam ser abordados pela via poética de forma tangencial, ou seja, por meio de formas físicas e psíquicas que são expressas nas formas simbólicas nas produções de cada usuário.

3 ESTUDO DE CASO

A chegada do estagiário no CAPS AD III exigiu um primeiro momento de estudo sobre o trabalho realizado pelo serviço e seus objetivos, assim como um período de vinculação com os usuários e profissionais. A aproximação do arte/educador se deu de maneira natural, realizada no convívio diário com os usuários e na participação de sua rotina dentro do equipamento, ou seja, por meio da contextualização do público e do ambiente das oficinas. A inserção no cotidiano e nas atividades que já vinham sendo realizadas, dentro e fora da instituição, como as oficinas de futebol, rodas de conversa e momentos triviais como momentos de refeição, festividade e convivência, foram importantes para entender o perfil e as necessidades dos usuários.

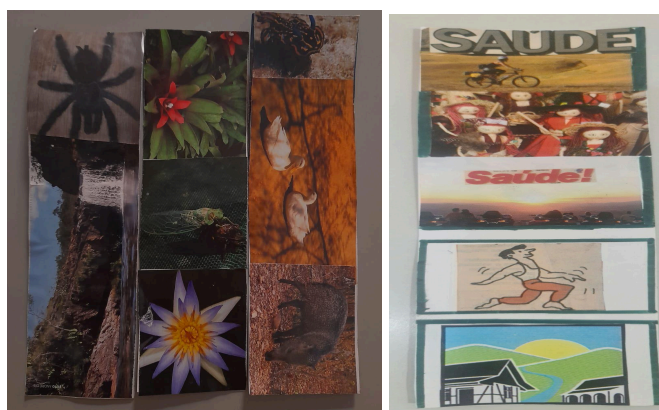
Nesses momentos o estagiário se deparou com assuntos recorrentes na vida dos usuários do CAPS AD III, conversando de maneira casual diante dos mais diversos assuntos que eram trazidos por eles e também pelo arte/educador. Por conseguinte a relação de companheirismo, identificação e amizade surgiu, levando a uma maior gama de conversas, que variava desde os impactos do uso abusivo de álcool e drogas até histórias sobre relacionamentos, namoros, festas, hobbies e suas vidas para além de sua condição de adictos e ex-adictos.

Durante os dois primeiros meses foram implementadas oficinas com diversas linguagens das artes visuais e no decorrer do tempo, os temas trabalhados começaram a convergir, já possuíam menor rotatividade, de modo que as especificidades oriundas do meio em que as oficinas estavam inseridas se tornavam ou impedimentos ou potências, como o compartilhamento do espaços da casa do



CAPS AD III para oficinas, com outras atividades ao longo do dia. As intervenções, portanto, começaram com a técnica da colagem, a partir de variados temas e orientadas inicialmente por duas ações da abordagem de Ana Mae, sendo a leitura das imagens e a contextualização para preparar o caminho no momento do fazer artístico. A linguagem da colagem foi a escolhida, por conta de sua praticidade, custo e pela aceitação da mesma pelo grupo. No decorrer desta experimentação observou-se o comportamento dos participantes e a produção feita por cada um deles. A seguir, registro das obras dos participantes M⁴. e L., nesta fase inicial:

Figura 1. Obras Primeira Oficina.

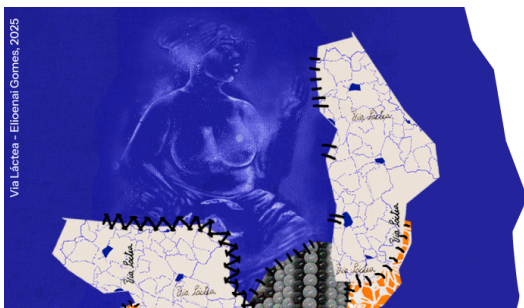


Fonte: autoria própria

No momento em que estas ilustrações foram feitas, a oficina ainda não estava orientada por metodologia ou abordagem, ocasionando no famigerado “laissez faire”. Neste caso o arte/educador não interfere de maneira alguma no processo artístico do usuário, sem nenhum tipo de contextualização acerca da temática ou da técnica abordada. As imagens não foram apresentadas e não foram submetidas a leitura antes ou depois da realização dos trabalhos.

Apesar de partirmos do princípio de que a técnica é meio e não finalidade em si, observamos no começo das produções, trabalhos que refletiam pouca elaboração, resultando na colagem de figuras quase sem alterações do original. Somente agrupadas sem a preocupação em elaborar uma narrativa ou construir metáforas visuais. Observou-se nesses casos que os participantes se mostravam em geral mais desinteressados e insatisfeitos com a produção finalizada.

⁴ O nome dos autores/participantes das oficinas foram preservados por questões de sigilo.



Pensar em arte/educação dentro dos serviços da RAPS é compreender a potência da arte para com os tratamentos dos usuários. No desenvolvimento deste trabalho, diversos afetos podem se manifestar, como realização, frustração, gratificação e em conjunto, eles integram a função terapêutica destas ações. Ressignificar histórias e desenvolver habilidades, também compõem este cenário.

Figura 2. Segunda Oficina.

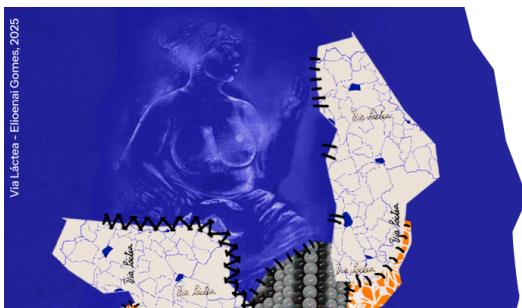


Fonte: autoria própria.

A figura acima, foi feita por M. em um segundo momento após redirecionamento da atividade. Aqui, já tínhamos os preceitos de nutrição estética desenvolvidos por Mirian Celeste (1998). Neste momento, o moderador se preocupou em criar um “fio condutor” que ligue os trabalhos a partir da seleção de obras que retratam de alguma característica do usuário, como por exemplo sexualidade, política, racialidade e contexto social.

Listamos e apresentamos a seguir as obras lidas, respectivamente: “Nessa terra nesse chão” (2020) de Igor Collaço, “O ontem/hoje/amanhã é preto” (2024) de Mateus Lucas, Sem título da série “Elas buscam o poder” (2028) de Débora Islas e “Campinho” (2020) de Del Nunes.

Figuras 3 - Nutrição estética



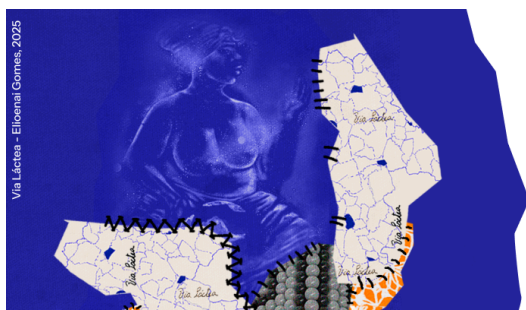
A exposição em slides das obras na televisão do ateliê tinha como objetivo promover diálogos com o conteúdo da atividade, seguindo alguns dos parâmetros estabelecidos por Mirian Celeste para a escolha das obras que serão utilizadas na nutrição estética.

Escolher cuidadosamente as obras, levando em consideração o conteúdo dos aprendizes [...] Tendo clareza do foco que será abordado - É preciso cuidar da apresentação das obras, com boas reproduções - Em relação às artes visuais, cobrir o texto e ilustrações que desvie o olhar é uma boa estratégia - Promover o acesso a artísticas vivos, contemporâneos (Martins, 1998, p.141).

A escolha das obras acima apresentadas consideraram as percepções do mediador na relação com os participantes, entendidas como potentes e que se identificavam com aqueles que faziam parte das oficinas de alguma maneira, seja pelo campo de futebol, pela religiosidade, figuras masculinas e discussão política.

Este último registro ilustra a terceira oficina, em que houve aproximação entre a Abordagem Triangular e os fundamentos já estabelecidos pelo conceito de Nutrição Estética. Aqui, observa-se que, uma vez estabelecida a linguagem da colagem, abre-se espaço para o direcionamento da proposta da construção de um cartaz inspirado na identidade dos usuários presentes. Sendo assim, foram realizadas a leitura e contextualização das imagens que consistiam em cartazes famosos⁵ e de propaganda, promovendo o resgate da cultura visual através da análise crítica das imagens que pertencem ao cotidiano fora dos museus.

⁵ “We can do it J - 1943 - Howard Miller” e “Cerveja Brahma Chopp - 1984”.



Figuras 4 - Propagandas.



Fonte: Sites USP (2016). Fonte: Propagandas Históricas (2015).

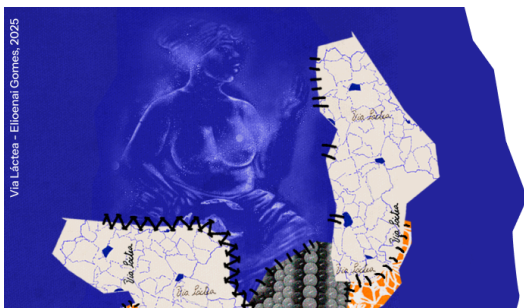
A mediação fora feita de maneira bastante descontraída e informal, de modo que brincadeiras e piadas iam rolando e sendo incorporadas à leitura das obras. A análise das imagens foi realizada a partir também de perguntas disparadoras que tem como objetivo potencializar as leituras. Essas perguntas disparadoras, tiveram seu começo iniciado por cinco indagações, extraídas do livro de Maria Helena Wagner Rossi: “Você pode falar sobre esta imagem? O que você pensa quando olha para essa figura? Você pode falar o que está pensando sobre cada imagem. Pode perguntar, se você quiser. Não a resposta certa ou errada (Rossi, 2003, p. 31)”.

Figura 5. produções dos participantes M.e L.:



Fonte: autoria própria.

A partir das produções apresentadas é possível inferir que o trabalho com a formação de repertório e a análise dos artistas da colagem deflagrou nas produções dos usuários uma preocupação em expressar sua identidade, em eleger um tema, em elaborar uma composição para além da diagramação linear além de interferir nas



colagens selecionadas. Isso pode ser verificado no primeiro trabalho que explora a temática religiosa e que a partir desse vínculo coloca a frase que motiva seu tratamento e uma visão positiva de si mesmo para além do diagnóstico: “Você é forte”. Já a segunda se inspira nos elementos naturais, no vínculo com os animais, um movimento de busca de calma e segurança para ressignificar sua história de forma “devagar e sempre”.

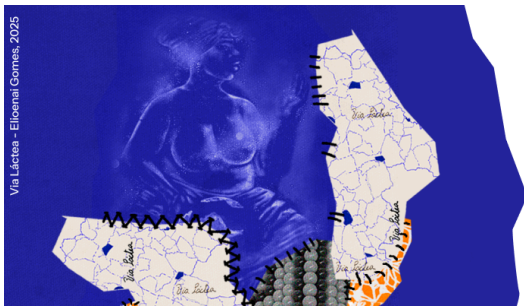
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência aqui relatada reforça a importância da arte na construção do cuidado na atenção psicossocial e seu potencial no desenvolvimento dos participantes envolvidos. Respondendo à pergunta que intitula o trabalho, pode sim o arte/educador no centro de atenção psicossocial propor trabalhos e produções artísticas com suporte teórico metodológicos próprios. Tal emprego, mostra como as produções podem ser valorizadas e favorecem a expressão das singularidades, com dignidade e respeito.

O cenário de precariedade dos serviços de saúde por vezes se desdobra em produções de oficinas artísticas de pouca qualidade, feitas por profissionais sem formação na área. Essas produções acabam por gerar registros superficiais e despotencializados, sem contar com o fazer artístico comprometido com a elaboração de uma mensagem feita com estilo próprio. Quando isso não ocorre, o processo criativo fica reduzido a atividades “passatempo”, a produções estereotipadas e ao *laissez faire* que reduzem a potência terapêutica e expressiva do trabalho. O enriquecimento de repertório cultural, orientado teórica e metodologicamente a partir de autores da área, aumenta a consciência do usuário da arte como vetor de expressão, e isso, contribui para o tratamento dos usuários dos serviços prestados pela RAPS. Nesta perspectiva, a arte se configura como estratégia de resgate de cidadania, dignidade, fonte de renda, ressignificação e reposicionamento diante da vida.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, A.M. A imagem no ensino da arte. São Paulo, Editora Perspectiva, 1991.



BRASIL(2011). PORTARIA Nº 3.088, DE 23 DE DEZEMBRO DE 2011(*) *Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS).*

GENEROSO, C.M. e NAIME, F.M.A. Clínica do singular e redução de danos: apostando na inventividade dos sujeitos. In.: Caminhando contra o vento: cuidado e cidadania na atenção a usuários de drogas no SUS. Ana Regina Machado (et al.,) Belo Horizonte: ESP-MG, 127-145, 2018.

GOMES, L.B., & JUNIOR, F. F. L. NISE DA SILVEIRA: ARTE, CIÊNCIA E SAÚDE MENTAL. *Revista Interfaces: Saúde, Humanas E Tecnologia*, 10(3), 1512–1520. <https://doi.org/10.16891/2317-434X.v10.e3.a2022.pp1512-1520>, 2022.

JORGE, M. S. B. et al., Promoção da Saúde Mental - Tecnologias do Cuidado: vínculo, acolhimento, co-responsabilização e autonomia. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 16, n. 7, p. 3051–3060, jul. 2011.

LIMA, S.M. et al., Territórios e sentidos: arte, subjetividade e cuidado. In.: Nada será como antes: Invenções cotidianas para o cuidado em liberdade nas Redes de Atenção Psicossocial. Faria, A.R. et al., org. Belo Horizonte: ESP-MG], 245-258, 2024.

MARTINS, M.C., PISOSQUE, G. e GUERRA, M.T. S. Didática do Ensino de Arte: A língua do mundo, Poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo, Editora FTD, 1998.

MERHY, E. E. Saúde: a cartografia do trabalho vivo. 2. ed. São Paulo: Hucitec , 2005.

OLIVEIRA, M.R.M. Travessia: dos véus da exclusão ao encontro com os invisíveis. In.: Caminhando contra o vento: cuidado e cidadania na atenção a usuários de drogas no SUS. Ana Regina Machado (et al.,) Belo Horizonte: ESP-MG, 127-145, 2018.

OSTROWER, F. Criatividade e processos de criação. Rio de Janeiro, Vozes. 1978.

RONZANI, T.M., PEREIRA, T.S., CASTRO, J.B. e DIMENSTEIN, M. Determinantes Sociais e Dependência de Drogas: Revisão Sistemática da Literatura Psicologia: Teoria e Pesquisa DOI: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e39407>, v.39, e39407 Psicologia Clínica e Cultura, 2023.

ROSSI, Maria H.W. Imagens que falam, leitura da arte na escola. Porto Alegre, Editora Mediação, 2003.